

INVICTA CINE

semanario ilustrado

DE

cinematografia



nº
134

preço

50

centavo



Castelo Lopes, L.^{da}

apresenta

HOJE E AMANHÃ

no

O l y m p i a

o surpreendente fono-
filme cheio de vida
e alegria

E L D O R A D O

grandiosa fantasia sonora com
canções lindíssimas, danças
interessantes e musica
agradavel

Um espectáculo maravilhoso,
sugestivo, delicioso



SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PR. CELAS.

inyicta cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

N.º 134

REDACTOR PRINCIPAL

ROBERTO LINO

PORTO
29 DE AGOSTO
1931

ALVES COSTA

E

SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

Comp. e Imp. - DIARIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10 - Telef. 2300

Redacção e Administração: — Rua das Musas, 45 — PORTO - (Portugal)

O que

Jeanette Mac Donald

disse a um jornalista francês:

Vocês ainda se devem lembrar dessa história complicada e romanesca que se inventou à volta de Jeanette Mac Donald e que tanto deu que falar, quer dum quer doutro lado do Oceano. Nessa altura «Inyicta-Cine» foi a primeira revista portuguesa a desmentir categoricamente tais boatos, apesar de algumas publicações estrangeiras continuarem, com maior ou menor fantasia, a contar-nos histórias mirabolantes de princesas ciumentas e de maridos infieis, de frascos de vitriolo lançados em pleno rosto da linda Jeanette, de acidentes de automóvel, de tiros de pistola e de não sei que mais.

Jeanette Mac Donald acaba justamente de chegar à Europa, viva e incolume desmentindo com a sua presença e as suas palavras todos os disparates levantados à sua volta. Eis o que ela disse a um jornalista francês:

«Faz agora exactamente um ano que houve um acidente de automóvel na Bélgica. Soube-o, é certo, mas muito mais tarde, porque nessa altura eu filmava em Hollywood «O Amante da Meia-Noite». Não prestei nenhuma atenção a êsse acontecimento. Que me importava isso? E onde é que eu tinha tempo para tal?

Terminado êste filme, fui a Nova-York, fazer-me ouvir através da rádio. Depois de novo voltei a Hollywood para aí interpretar «Dont bet on Women», um filme dirigido por William K. Howard. Foi neste momento, um pouco antes das festas do Natal, que eu recebi uma carta vinda da Bélgica. Nós recebemos, como sabe, muitas cartas e não nos é possível dar a todas uma importância excepcional.

Esta, estava escrita em francês e continha um recorte dum jornal flamengo. Pude ler a carta que me era enviada por uma mulher e que fazia alusão—perdoe-me—à fantasia e às invenções dos jornalistas e exprimia a esperança de que a notícia incerta no tal recorte não fôsse verdadeira.

Mas de que notícia se tratava? Oh! se eu tenho algumas noções de francês em matéria de flamengo sou absolutamente ignorante. O mais que eu pude compreender foi que se tratava de mim, dum lado, e dum ministro italiano, do outro.

Alguns dias depois, um outro recorte de jornal trazia-me a notícia da minha morte num acidente de automóvel nas Bermudas.

Todavia continuei a gozar a vida e a melhor saúde e a minha actividade dividia-se entre o cinema em Hollywood e a rádio em Nova-York.

No dia 11 de Março, exactamente, toda uma série de jornais americanos reproduziam uma história abracadabrante enquanto que eu começava filmando «Annabell's Affairs», com Elfrid Werker. Posso-lhe citar os principais: eram êles o «Chicago Daily News», o «Saint Louis Post Dispatch», o «Daily News» de Detroit, o «Boston Globe» e o «Philadelphia Daily News». Quasi todos faziam seguir os enormes títulos de pontos de interrogação e as informações datadas de Paris e assinadas C. M., deixavam, apesar de tudo, crear dúvidas. Essas informações, você conhece-as.

Tratava-se dum acidente de automóvel em Bruges, de mim e de príncipes e princesas de sangue real ou dum ministro.

Dei então um desmentido formal e tive o prazer de constatar que os jornais americanos não tomavam a coisa mais a sério do que eu.

Aqui, uma pequena iniciação à vida americana. E' preciso estabelecer uma grande distinção entre a publicidade na América, e o que nós chamamos «notoriety». Esta última palavra tomou um sentido particular. Significa que uma pessoa é apontada a dedo, que tem uma mancha indelével, que está condenada... A «notoriety» ou o escândalo matam uma vedeta. Não esqueça as inúmeras sociedades de mulheres, as associações, etc... Não esqueça a sorte que teve Fatty Arbuckle, nem o exemplo mais recente de Clara Bow. E não esqueça o que aconteceu a Mary Miles Minter, Barbara la Marr e Alma Rubens...

Todos os contratos que assinamos comportam uma clausula dita de «Moralidade». Todo o acto julgado escandaloso e que poderia afectar não só o bom nome da vedeta mas também o da firma produtora à qual ela pertence, provoca o rompimento imediato do contrato.

Porque foi, no que me diz respeito, que algumas grandes empresas se recusaram a tomar uma posição? Parece que nesta altura fizeram



certas deduções. Era, contudo, claro que elas não tinham nada que entrevir aqui. Tratava-se dum assunto particular e elas tinham, na ocorrência, um «standing» a manter.

Assim, pois, na América, as fantasias relatadas por alguns jornais, e as comparações desagradáveis feitas por certas falhas de «chantage», foram acolhidas como mereciam. Uma jornalista de Hollywood veio, um dia, trazer-me um comunicado de Paris e disse-me: «Estou desolada, mas eu venho ver se está realmente em Holly-

wood e se não recebeu um tiro de revólver no olho direito». Rimos e depois pensamos noutra coisa. Eu própria já não pensava nesses boatos quando uma ocasião o correio me traz um livro que tinha sido mandado para Hollywood pelo correspondente de «Variety» em Paris. Este livro era um tecido de mentiras duma ponta á outra. Só tinha duas coisas certas. Nasci, efectivamente, em Filadelfia e tenho, na verdade, uma ir-

Conclui na última página.

Minita Brandão

Um rosto oval, *mignone*, num corpo franzino mas nervoso, cheio de vida, estuante de mocidade...

Um nome que se pronuncia tam levemente, como uma carícia, que se diz num momento...

Uns lábios rubros, sangrentos como papoilas, uns olhos, que fitam lendo-nos na alma, mas que se deixam fitar com prazer porque são cristalinos, puros e belos...

Tal é, leitores, em meia duzia de linhas o retrato duma brasileira encantadora que mora numa barulhenta avenida parisiense, que visteis num filme português recentemente exibido...

Um bibelot animado, um Saxe finíssimo, que a mocidade doura, que a graça encanta, que a luz beija e envolve perpétuamente, não vá somente ficar entregue ás meninas brilhantes dos olhos; uma brasileira, que nos recebeu galhardamente, nesta peregrinação de férias através das terras da turbulenta, mas pitoresca Espanha, da curiosa e afável França; uma brasileira que nos fez esquecer os olhos duma sevilhana, que víramos algures embrulhada no seu *manton* de rosas vermelhas, olhos de morêna, doces e cálidos, acariciadores e belos, parecendo os da Madona da Soledad em dia de sexta-feira santa. Ah!, êstes olhos de sevilhana, fôram ofuscados além Pirinéus, pelos duma brasileira grácil, falando português, cantando-nos melodiosamente, como rouxinóis em choupal em noite de luar, a língua de Camões, expressando-se belamente, fazendo falar os olhos, uns olhos que nos extasiavam, que pareciam um veludo vivo acariciando-nos...

Uma entrevista um pretexto... O tempo galopa em cavalo alado; as horas voam; ficamos ouvindo encantados não sabemos se a voz de uma dum côro angélico, se a suavidade expressiva de Minita Brandão, bibelot animado que nos tira do contacto brutal do mundo, onde a miséria campeia, mas onde, de quando em quando, aparecem doçuras e belezas, que bastam para considerar o fardo da vida menos pesado e mais agradável...

Tinhamos-lhe pedido uma história, um quadro duma vida que começa. Estava-nos dando a narração das incertêsas, das dúvidas e pesares que sofrera quando a chamaram para o estúdio, quando foi assinar o seu primeiro contrato.

Deixámo-la falar; não a ouvimos. Seduz-nos o cantante vibrar da sua voz e se não fôra o taquígrafo que vai rabiscando o papel apressadamente, a entrevista ter-se-ia perdido, porque nós sós, abstratos, deixamos de ouvir uma voz, que dizia assim... —... e quando cheguei á Rue des Reservoirs, em S.te Maurice, para conduzir-me aos estúdios Paramount deparei com um muro muito alto e dentro enormes barracões de fria e inexpressiva architectura. Dir-se-ia uma grande fábrica e nunca um lugar onde se cultivava uma arte tam apreciada em todo o mundo.

Andei paralelamente a êsse muro umas centenas de metros e esbarrei com um portão de ferro, que tinha num dos lados em sitio bem visível e em letras garrafais o distico «Entrée interdite». Um homem fardado, as iniciaes S. P.



MINITA BRANDÃO

no bonet, mais vigilante do que soberbo, mais irreductível que um penêdo, atendia os pretendentes á entrada que em múltiplas dezenas ali acodem...

A princípio confesso ter sentido antipatia pelo ambiente!

Mas depois que transpuz o tal portão de ferro—quero dizer—que assinei o meu contrato, a impressão foi bem outra.

Vi-me no jardim arborizado e florido que dá ingresso ao estabelecimento, onde se cruzava uma população de pessoas de tôdas as raças e categorias sociais, a maior parte simpática.

Eram negros, chinêses, indús, a «jeune fille» inocente, uma desgraçada, o galã apaixonado, um homem da mais aprimorada educação interpretando um vagabundo. Estavam vestidos «maquiés» prontos para trabalhar; o movimento era intenso. Filmavam-se quatro películas diferentes...

Lembro-me que fui convidada a tirar umas fotografias em grupo com «metteurs-en-scène» e alguns artistas espanhóis, pessoas amáveis, que eu não conhecia e me pareciam amigos.

Nessa mesma tarde trabalhei numa produção italiana. Como não conheço esta lingua fizem-me dizer apenas duas palavras «si, si». Era um pequeno papel sem importância, mas que serviu para eu tomar melhor conhecimento do que me rodeava, pois, oito dias mais tarde deveria começar a película portuguesa, para a qual estava contratada.

O assistente conduziu-me á sala do «maquieur» Este disse-me logo que se chamava Pierrot e que estivesse descansada, iria tornar-me muito

(Conclui na ultima página)

Um documentário português

Uma Feira na Maia

«Uma feira na Maia», é o título dum interessante documentário português. Um belo filme de impressões típicas e inéditas apresentadas com inteligência e com feição, que brevemente se exhibirá nos écrans de Porto e Lisboa.

Diremos retalhos de aspectos pintalgados de expressões diversas — bric-à-brac de tudo quanto completa o recheio duma feira regional. E' mesmo um filme que não fatiga porque nos apresenta a policromia bizarra e garrida da sua razão de ser, um bom mostruário de costumes, como um cabaz repleto de acepipes para a gula da nossa imaginação.

Não tem enredo. E' uma fita em síntese. Planos sucessivos e rápidos, bailando diante dos nossos olhos como estes bailaríamos diante do verdadeiro conjunto da feira.

E' um filme de acção imprevista. Instantâneos flagrantes colhidos com o realismo exponente de cada motivo, como sorrisos de cachopas sádias surpreendidas aqui e ali em devaneios rusticos.

O pitoresco dos detalhes influe tanto na sua expressão como o conjunto da fotografia, toda ela orientada pela técnica de angulos e planos absolutamente novos.

E' uma bela produção no género que a Ulysea nos vai brevemente apresentar.

Os seus realizadores são duas vontades energicas sem desanimos. Ambos êles de colaboração já desde ha muito tempo que trabalham pelo cinema, tendo-nos dado anteriormente vários documentários sem o timbre do seu nome, reputando-os de ensaios.

Este, como um outro filme que a seguir se exhibirá—tambem documentário—em alguns dos principais «écrans» portugueses, já define conscientemente qualidades optimas.

«Uma feira na Maia» marca um lugar. E' um filme para catalogar na nossa memoria porque retrata com especial sabor particularidades cuida-



Doas imagens do documentário
«Uma Feira na Maia».

dosamente observadas, aspectos inteligentemente focados.

Acentua pelo valor essa nota de que é um trabalho e não uma habilidade feita para satisfação dum capricho...

Que a sua exhibição se faça brevemente, para que o publico o veja e aprecie como nós o vimos e apreciamos, com a igual satisfação com que nós o compreendemos!

Arthur de Sandão.

NA CAPA

Jackie Cooper o mais talentoso artista infantil que presentemente trabalha na America do Norte.

Jackie iniciou a sua carreira artistica em 1929 começando a trabalhar na celebre *troupe* «Our Gang».

Ha meses, foi contratado pela Paramount, tendo interpretado o primeiro papel do filme

«Proezas de Skippy» a que a critica americana teceu elogiosas referencias. Actualmente trabalha para a Metro Goldwyn.

As artistas preferidos pelo pequeno Cooper são: Clara Bow, Norma Shearer e Nancy Carrol, tendo Jackie declarado a um jornalista «que nutre uma grande paixão pela Clara Bow e que era capaz de casar com ela se não fosse tão pequeno».

Algumas notícias sobre o

CINEMA BRASILEIRO

Nos estúdios da «Cinédia», a mais importante empresa produtora de filmes do Brasil, o realizador Otavio Mendes está prestes a terminar a filmagem de «Mulher» um filme que tem sido já bastante discutido na América do Sul.

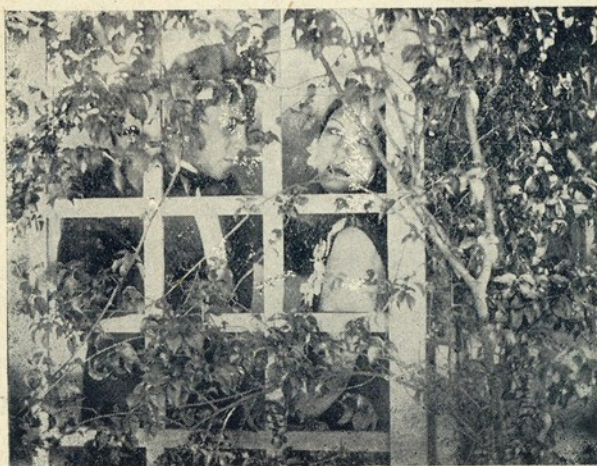
Nesta produção, aparecem os seguintes artistas: Carmem Violeta, Ruth Gentil, Gina Cavaliere, Celso Montenegro, Luiz Sorôa, Carlos Eugenio e os portugueses Alda Rios, natural da cidade do Porto, Augusta Guimarães, de Loanda e Ernani Augusto.

—O «Jornal do Brasil», efectuou um inquerito entre os seus leitores, para saber qual o melhor filme brasileiro produzido em 1930. Foi classificado em 1.º lugar «Lábios sem Beijos», da «Cinédia», dirigido por Humberto Mauro, e em 2.º «Sangue Mineiro», da «Phebo Brasil Film», realizado também pelo animador da primeira produção.

—«Anchieta entre o amor e a rejeição» é o título do último filme produzido pela «Luz Arte Film», de S. Paulo, o qual se encontra em exibição no Rio de Janeiro no Cinema Parisiense. Irene Rudner e Dino Grei são os protagonistas.

—A «Lux Film», de Campo Grande, vai começar dentro em breve com a filmagem de «Aurora do Amor». É director Alexandre Wulfes.

—A conhecida canção brasileira «Casa do Caboclo» foi adaptada ao écran. É seu realiza-



Uma cena de «Lábios sem Beijos», o melhor filme brasileiro produzido em 1930.



D I D I V I A N A

Protagonista do filme brasileiro «O Preço de um Prazer», da «Cinédia».

dor o cantor da *Radio Educadora Paulista*, Augusto Santos.

Este filme é interpretado pelos artistas Walkyria Moreira, Rodolfo Mayer, Emilio Dumas, Carmen de Oliveira e Arnaldo Conde.

—Plinio Ferraz, está produzindo a «Canção do Destino» com Cleo Verberena e Christians Reys como protagonistas.

—Em Marambaia, o encenador Mário Peixoto, está produzindo o filme intitulado «Onde a terra acaba». Os principais papeis são interpretados por Carmen Santos e Raul Schnoor.

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem concorrido

346-Rua de Santa Catarina-350

VESTIR OS NUS

Quando êste artigo escrevo, plenamente em época calmosa, muito embora, o vento sobre sueste forte, os cinemas ao ar livre, sejam vedados por intensos nevoeiros e o meu barco sulcando ás tardes o rio do esquecimento baloíce furiosamente, tenho um rictus irónico, quasi um nadinha mordaz, quando leio o admirável artigo o «Nú em pêlo» do meu coléga Amok.

Faço peremptóriamente a declaração de que não sou núfobo; a exposição a tal, aos raios solares—e só assim compreendo o nudismo—dos respeitáveis «canastos» dos filhos da mãe Eva, acho-a esplendida com fins therapeuticos, procedendo de acôrdo com os propagandistas da farmacia natural da hélioterápia.

Mas,—o eterno mas que tem revolucionado a humanidade—meu caro Amok, a beleza, o suggestivo da sétima arte que defendemos dos milhafres, que adejam sôbre ela de tempos a tempos, reside na visão inesperada, no quadro analisado sempre dum modo diferente, e se é da minha opinião, aí reside todo o «savoir-faire» do realizador. Se o quadro não tivesse imprevisto. cairia numa monotonia irritante e aborreceria. Tal é, até, a meu vêr a causa actual da fuga do público das salas cinematográficas, saturado pelos mesmos processos, pelos mesmos cenários.

Se o mundo se tornasse um mundo de nudistas, toda ou quasi toda a beleza baquearia, porque deixava de haver aquilo que muito nos seduz, sem concupiscências mórbidas; cair-se-hia numa perfeita asexualidade que só seria despertada em determinadas épocas, tal como nos séres inferiores...

O cinema, a grande escola propagandista actual, poderá ser acusada de tudo, mas se amanhã o nudismo arrastasse a humanidade a um grau de inferioridade, embora lhe custe Amok, não deveria êle ser culpado, porquanto apenas é o propagandista da vida ao sol e ao ar. num semi-nudismo a que chama segundo o seu critério imoral...

Deixo por agora as minhas reflexões sôbre «esta inocente e casta simplicidade».

Como sabe, Amok, estou vivendo estas férias numa praia, onde aliás passo todo o tempo que a vida me permite, a tonificar os pulmões com o ar iodado do mar e a queimar a pêle com o

meu... semi-nudismo. Dizer-lhe aqui, quais sejam as minhas impressões sôbre os semi-nudistas que me cercam não acho azado. Pululam aqui desde as formas da Vénus de Milo com braços, até ás mais próprias e altas concepções da cutelaria vimaranense. Sendo assim, um ser dos moralões a que se refere—porquanto dentro das páginas desta revista poderia proclamar o contrário—V. Amok compreenderia que o seu sonho, passada a primeira visão da queda da indumentária, seria uma coisa ridicula. Dizia vernáculamente a frase do Eça e dirá sempre a mesma coisa até á consumação dos séculos «Sôbre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia»...

Quando esta lhe escrevo Amok um par de modeladas pernas que uma gentil cinéfila me ofereceu há tempos, umas pernas que V. conhece e que eu mandei encaixilhar em rica moldura, pois de tal as julgo dignas. fazem movimentos que são tam expressivos, que parecem dizer-me que não estou longe da verdade. No entanto, amigo, enquanto leio o seu artigo, essas mesmas pernas, agitaram-se numa tal forandola que eu reciei ver partido o vidro do quadro.

Pois estas pernas, estão vestidas. O que encanta, o que seduz delas não é a forma nem o vestuário das mesmas; é a fantasia, que nos leva a idealizar, que nos leva a sonhar algo de esteticamente belo, no mistério em que se envolvem, no arrepanhado do vestido encobridor de tam gentis e elegantes atavios, que, como confessei há tempos, no meu modo de vêr, são o segundo elemento da beleza feminina.

Ah Amok! se a minha «Eagle» pudesse transformar-se-ia agora num terrível cacete, a V. nudista de verão fingido, espancá-lo-hia, até obrigá-lo a confessar que nada ha como... o semi-nú. V. amigo analise por instantes a psicologia da moda feminina, veja se ela não

usa do efeito do inesperado, para fazer valer a mulher; porque deixe que lhe diga, amigo, nestas coisas de nudismo e semi-nudismo quem continuará sendo sempre o vencido é o sexo masculino. Pode V. dar tractos a intelligencia. Sem ser mesmo por uma questão de preconceitos, V., amigo não tem coragem de se apresentar «á frescalhota» perante uma mulher preparada para uma



Estas meninas são contra o nudismo

hibernagem polar. V. conta com o apoio do uso feminino para fazer vencer as teorias do nudismo. Mas este só cede ao semi-nudismo porque sabe que quanto mais puzer aos olhos do homem os seus requintes pessoais, tanto mais diminuirá a atenção do mesmo homem sobre si própria. Desta verdade, a necessidade da moda, que como vê só a mulher segue cégamente. Recorda-se que aí por 1916, as saias da mulher baixavam até ao chão. Era um sucesso admirar as canélas duma dama e um escandalo punido com casamento, vêr-lhe um joelho. A saia subiu, o homem viu o que não via e hoje—melhor ontem, nisto que a moda torna a descer os «balandrás»—o homem só notava as pernas das mulheres quando elas tinham uma escultura digna dum cinzel dum Rodin...

Eu compreendo um nudismo onde o sêxualismo é neutro como o pretende Wenceslau de Moraes pelo atrofiamento e desinteresse pela mulher, pela sua exposição ao olhos, até hoje, cúpidos do homem. E' veridico o dizer popular que «o tapado é o mais cobiçado». Por isso, Amok eu sem pretender fazer ruir as suas teorias nudistas, partilho dos semi-nudistas. V. sabe que nunca tive feitio para moralão e que odeio os preconceitos sociais que criaram castas e rebaixaram entre si os sexos. Mas neste caso, V. perdoará, eu dou-me á paciência de lhe dizer que o vi há bem pouco tempo, em «Foz-Beach» praticando um semi-nudismo decente e sociável. V. andava vestido, entenda-se por este vestido, com os atavios da banhista, e eu dêste recanto donde estou vendo e ouvindo o mar, quando já me chamam para ir para o remo, limito-me apenas a fazer uma das obras de misericórdia: vestir os nús.

(Sócrates)

**Não será
reclamo a
qualquer
filme ameri-
cano?**



JUNE COLLYER

Segundo teem noticiado varios jornaes, Mildred Harris, a primeira mulher de Charlie Chaplin, encontra-se envolvida no desaparecimento do abastado negociante japonês Hisashi Fugimura, que a policia americana julga ter sido assassinado e lançado ao mar, durante

um cruzeiro a bordo do «Belgenland». O que torna embaraçosa a situação da «estrela» do «écran» é dizer-se que ela foi a ultima pessoa que esteve com o japonês antes do desaparecimento deste...

APARELHOS DE
CINEMA SONORO

APARELHOS DE SOM
PARA ADAPTAR AOS
APARELHOS DE
FILMES MUDOS

VENDAS A PRONTO
E A PRESTACÕES

ALUGUER EM
CONDICÕES
VANTAJOSAS



Peça as condições e preços das Fábricas MELODIUM

a Ernesto de Balmaceda

R. Anselmo Braancamp, 534--- PORTO

Noticiário

Conforme noticiamos, René Clair, vai começar com a realização do filme «Viva a Liberdade».

São interpretes: Marchand, Raymond Cordy, Paul Olivier e Jacques Sheley. Operadores: Georges Périnal e J. Raullet. Decorador: Meerson. Assistente: Albert Valentin. Musica original de: Auric.

—Encontra-se em Joinville, a conhecida artista Camila Horn, contratada pela Paramount, para interpretar o primeiro papel de um grande fonofilm.

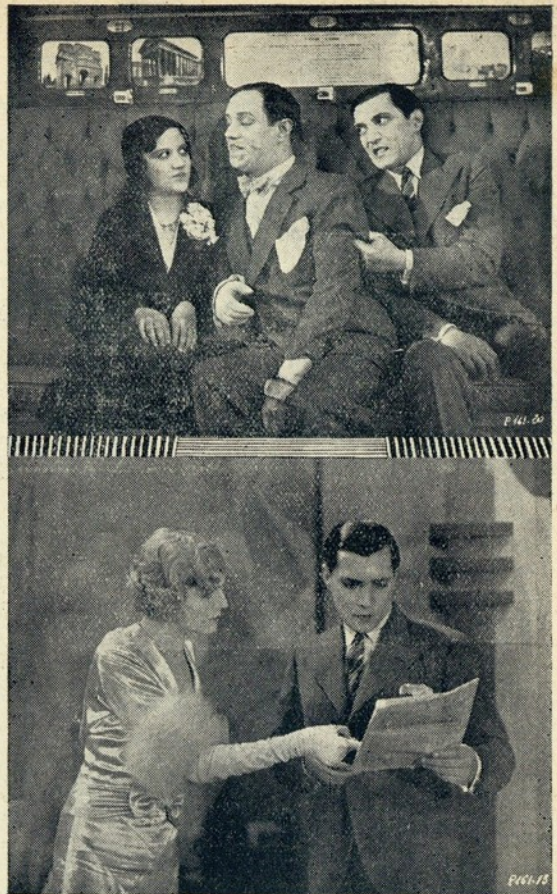
—Josephine Dunn, depois de uma imperitina doença que a obrigou a estar retirada dos estúdios durante cinco meses, voltou á actividade cinematográfica.

—Mary Duncan, abandonou definitivamente a carreira do cinema para se dedicar ao teatro.

—Um empresário de New York, ofereceu a Clara Bow a «insignificante» quantia de 10.000 dollars semanais, para trabalhar no teatro de que é proprietário.

Clara não aceitou.

—J. Warren Kerrigan e William S. Hart,



Duas interessantes cenas do fonofilm da Paramount «A Minha Noite de Nupcias».

ha longo tempo afastados do cinema, voltarão dentro em breve a trabalhar.

—Ruth Hall, uma nova artista que trabalha na Paramount, é neta do falecido escritor espanhol Vicente Blasco Ibáñez.

O nudismo... na «Montanha»

Do nosso prezado camarada «A Montanha», recortamos o seguinte:

«Certa revista de cinema que se publica nesta cidade, traz no seu ultimo e penultimo numeros, dois grandes artigos, aliás bem escritos, defendendo esta coisa nova que se chama o nudismo.

E por esta e por aquela razão, propõe que deixemos as roupas no guarda-vestidos para andarmos todos nós por essas praias, apanhando o ar e o vento que tonificam, que dão saude.

Achamos engraçada a ideia, tanto mais que somos rapaz bem formado, elegante e temos um compadre casado, cuja mulher quer á viva força comprar um casaco de peles de zibelina, de dois contos e pico.

Vamos enviar-lhe a revista com a sugestão de que a dê a lér á mulher, dizendo-lhe:

—E' a saude, dizem eles? E' pelos menos a economia, digo eu»...

Muito obrigado pelo exemplar comprado...



Curiosas cenas do belo fonofilm falado em português «A Minha Noite de Nupcias».

Noticias de Inglaterra

(Informações fornecidas pela B. I. P.)

Milton Rosmer vai dirigir *Many-Waters* um filme adaptado do livro do mesmo titulo de Monekton Hoffe. Esta semana devem começar as primeiras filmagens. Os intérpretes já estão todos escolhidos e, dentre eles, devemos salientar Lillian Hall-Davis, Arthur Margetson, Elizabeth Allen, Robert Douglas, Sam Livesy e Mary Clare.

—A Inglaterra continua prestando ultimamente a sua atenção ao cinema como instrumento de cultura. O «Edinburgh Education Committee» acaba de requisitar filmes educativos os quais serão realizados pelo «Education Department of British Instructional Filmes Ld.». Entre os filmes culturais já produzidos serão exibidos nas escolas: *Secrets of Nature*; *Daily Dozen at the Zoo*; *The Frog and Beef and Beer* (filmes falantes zoológicos e botânicos); *The Flight Machine*, *Peas and Cues*, *Cyprus* e *The Benguela Railway*.

—N.º 17, da autoria do escritor Jefferson Farjeon, vai ser levado ao ecran. Ainda não se sabe quem dirigirá esta película. Lembremos que uma outra obra de Farjeon está sendo filmada para a British International Pictures sob a direcção de Walter Summers.

—Val Valentino, que foi «gag man» da B. I. P. vai dirigir o seu primeiro filme *Red Dog*, em Welwyn. Os trabalhos devem começar dentro de uma semana.

—*The Flying Fool* está fazendo um sucesso colossal no «London Pavilion». O filme, que deveria ter sido já retirado do programa, vai continuar em exhibição por mais algum tempo em face do exito obtido.

—Anthony Asquith continua activando a filmagem de *Carnival*. Consta-se que foi motivo de grande diversão o caso de dois artistas, Henry Caine e Bob Abel, terem de interpretar juntamente uma determinada cêna, pois que o realizador estava constantemente inquirindo: «Onde estão Caim e Abel?» o que recordou á troupe os irmãos biblicos, inspirando-lhe ao mesmo tempo divertidas «blagues»...

Maria Dalbaicin e Janine Marése

acabam de falecer

Cruel semana essa que, com três dias apenas de intervalo, nos traz as tristes notícias da morte de Maria Dalbaicin e do fim trágico de Janine Marése!

Maria Dalbaicin, que seu marido Aimé Simon Gerard e numerosos amigos conduziram á sua ultima morada na segunda-feira da semana finda, parecia ser um belo simbolo de vida ardente. Como dançarina conheceu os mais brilhantes exitos, como artista de cinema foi bela entre as mais belas e *A Espia dos olhos*

Verdes marcou o seu talento. Depois de casada com Aimé Simon Gerard, filmou ainda durante algum tempo, mas o seu nome apagou-se pouco a pouco. Viagens a Espanha—seu país natal—e longas estadias nas montanhas não conseguiram vencer o mal que a minava. De repente, num sobresalto de todo o seu ser quis reaparecer no estúdio. Foi em Berlim que filmou pela ultima vez. Ordens terminantes dos médicos mandaram-na urgentemente para a montanha em cura de repouso. Partiu para Passy, na Alta Savoia, confiante ainda... mas para nunca mais voltar.



POLA NEGRI que, segundo noticias da América, se encontra gravemente enferma

* * *

Fim atroz o de Janine Marése, ela que era toda a alegria espontânea, toda sorrisos! Na luxuriante Côte d'Azur ela corria ao volante do seu carro levando em ebulição todo o ardôr da sua juventude. Na estrada de St. Tropez a Frejus, uma volta demasiado brusca lança o auto por uma ribanceira, Janine Marése teve morte instantânea, sem uma lagrima, em um grito. Acodem. Junto dela jaziam M. Flamand, seu irmão, e Lucie Derain, jornalista distinto, ambos gravemente feridos.

Janine Marése morre no começo da sua carreira. Ha ainda não muitas semanas, festejando nos estudios de Billancourt o seu aniversário, Janine, que completava vinte e dois anos, dizia alegremente, respondendo aos votos dos seus amigos: «A vida é bela para quem sabe viver!». Pobre rapariga... ainda é preciso saber viver!...
(A. d'I. C.)

Mar-e-Alva —
Porto—Obrigado. Continuamos todos de perfeita saúde. E a propósito, por falar em saúde, sabe que aquela artista de quem Você tanto falou (ou escreveu que está mais certo) ha dias: a Maria Dalbalcin, acaba de falecer? Po-bre rapariga!

Parece que se confirma a noticia da retirada de Clara Bow, do cinema. O mundo é assim: vêm uns, vão outros... «Et ça tourne toujours»... Até breve. Escreva sempre, que nada me maça.

Gerducho—Porto—A próxima época é uma grande incognita. Por enquanto pouco se sabe. Todos se calam muito caladinhos em cerrado mistério.

Charles Vanel não abandonou o cinema. Isso seria uma perda enorme para a cinematografia francesa. Actualmente Vanel está filmando *Croix de Bois*, ao lado de Pierre Blanchar e Gabriel Gabrio e sob a direcção de Raymond Bernard.

L. Pinto—Evora—1.^a Só se fôr assim, mas tenho as minhas dúvidas. 2.^a Gustav Frölich: Ufa, Kochstrasse, 6—Berlim S. W., Alemanha. 3.^a Simpatizo muitissimo pouco com Ricardo Cortez... mas não duvido que ele seja uma excelente alma.

D. Dinis—Lisboa—O *Milagre da Rainha* continua em realização apesar dos muitos contratempos, questões entre as gentes da troupe e outras trapalhadas que teem surgido. Confesso que tenho pouca esperança neste filme. A ver vamos. Ha outras fitas em projecto ou em comeco de realização. Delas falaremos na sua devida altura.

Melita—Estoril—Por amor de Deus! Pela sua rica saudinha! Por alma do Valentino, do Lon Chaney e da Alma Rubens não me atormente mais aos ouvidos. Eu nem tenho coragem de mostrar a sua carta ao Fernando. Transmitir-lhe-ei a tremenda descompostura que lhe prega e estou bem certo de que o rapaz se arrependêrã sinceramente de ter dito «que todas as raparigas portuguesas teem barriga»...

M. M. M.—Porto—Não sabemos de que se trata.

O Sem Razão—Lisboa—Ora viva o meu velho amigo! Obrigado pela sua carta, pelo seu retrato e pelo livrito. Mas vamos por partes. O artigozinho que nos enviou poderia sair na «Tribuna dos Leitores» se eu tivesse a certeza de que era original. Mas eu quasi que jurava que Você foi pescar aqui, a qualquer revista brasileira ou espanhola. Se não foi, só poderá sair quando Você nos indicar o seu nome verdadeiro e morada.

Quanto ao livrito vamos conversar agora. Eu tenho não só obrigação de responder ás perguntas que me fazem, como tambem dar bons conselhos. Você não deve ler semelhantes nojices literarias, que lhe estragam o gosto e o espirito. Leia coisas sérias, procure bons autores e deixe essas «saloperies» excitantes e idiotas para as sopeiras históricas. Não se zangue, digo-lhe isto para seu bem.

Este senhor comunica aos interessados que recebeu fotos de Dina Tereza, Beatriz Costa e Corina Freire.

Caramreja—Porto—Ora lavre lá mais dois tentos. Mas não basta aderir, de bôca, ao nudismo.

Toca a ir para a Foz, ao menos semi-nú, apanhar banhos de sol e puxar por esses musculos, na agua.

Sobre o «Batalha» queira ter o incomodo de lêr o último número.

Você aponta-me as suas duas artistas predilectas... e eu hesito;... «entre les deux mon coeur balance...» se as vir como mulheres e nada mais. Como artistas, goste que não goste muito nem duma nem doutra, prefiro a Billie Dove.

Seval—Famalicão—Nada lhe posso dizer. É muito possível que aí veja esses filmes, mas quando, não sei.

Obrigado pelo abraço.

Cinefilo Alfacinha—Lisboa—1.^a Depende da maneira como foi feita. 2.^a É simples, relativamente: a camara dá um passeio, sobrecarretos, acompanhando o deslocamento dos personagens a filmar.



Ninguem Porto—Obrigado pela sua carta. Sobre *A Severa* estamos de acordo. Fez bem em me dar a sua opinião. O que Você me conta de seu irmão e de si proprio não me surpreende. O cinema é uma escola das melhores, mas tambem das mais perigosas.

Tanto ensina o bom como o mau... e depois é o que se vê... E' por essas e por outras que tantas vezes tem sido atacado como desmoralizador...

Se Você não fosse um grande mariola, em vez de ir ao cinema aprender a dar beijocas em posições complicadas, tratava de cultivar o seu espirito com bons filmes que não só fossem visualmente belos, como tambem apresentassem ideias sérias e elevadas.

Pode escrever-me quando quiser, estarei sempre ao seu dispor.

Um Acadêmico—Porto—Ora seja bem aparecido. Os meus camaradas estão todos esplendidos e agradecem o seu interesse.

Tambem Você quer ir para o Club dos Cinéfilos Nus? Bravo. Vejo que as adesões chovem. Leia o que digo ao Carameira. Não esperem por amanhã. Comecem já hoje a pôr esse corpo ao fresco.

O Alves Costa não prometeu nada. Disse simplesmente que «mais tarde, talvez» escrevesse um novo artigo sobre *A Severa*. Mas ele agora anda muito preocupado com o «praíismo» e não liga meia a estas coisas...

Você teve realmente uma excelente ideia com essa lembrança de oferecer um presente a Leitão de Barros. Tem o meu pleno apoio. Vamos a vêr o que dizem os outros leitores.

A Todos os Leitores—«Um Acadêmico» no fim da sua última carta, escreve:

«Tenho uma idéa. A «Invicta-Cine» poderia patrocinar uma subscrição, a realizar entre cinéfilos portugueses, para com o seu produto se comprar um objecto que os senhores achassem razoavel e oferece-lo a Leitão de Barros como preito de homenagem.»

A lembrança é feliz e nós, da melhor vontade, poremos as colunas desta revista às vossas ordens.

E Vocês que dizem?

Degolhada (?)—Porto—Antes de mais nada, minha jovem e gentil leitora, queira dizer-me se o seu pseudonimo está bem escrito. Se foi «Degolhada» que escreveu, aconselho-a a arranjar outro nome mais bonito... para condizer consigo, pois que pelo auto-retrato que fez, Você deve ser um amor de rapariga.

Esse Henry Garat II por quem está apaixonada deve ser um ingrátão para assim desprezar o seu amor. Que pena Você não se ter apaixonado antes por mim... Olhe, cante-lhe aqueles versos da *Severa*:

«Tenho o destino marcado,
Desde a hora em que te vi,
etc.

pode ser que ele se comova.

Cá registei os seus gostos e preferencias. Ao Douglas Faz... banks pode escrever quando quiser mandando a sua carta para a nossa redacção.

Don Alvarado: c/o Standsrd Casting Directory, Mc 616 Taft Building, Hollywood Blvd., Hollywood-U. S. A.; Bely Amann está actualmente na British International Pictures—Filme House, Wardour Street, London, W. 1—Inglaterra. Não me incomodou nada. Terei muito gosto em voltar a lê-la.

Carameira—Porto—Outra vez por aqui?

Sobre o Rivoli queira ler o que a esse respeito se diz no último número.

A assinatura da «Invicta-Cine», por semestre, é de 12\$50 (26 numeros).

Sempre ás ordens.

Amok.

(Conclusão)

(Conclusão)

bonita, pois havia alguns anos que o conhecia o «métier». E ao cabo de meia hora, eu saía daí, depois dêle me haver untado o rosto com vaselina e uma pomada ocre de má aparência mas de perfume agradável.

Tudo era novidade para mim!

Que espanto me causou aquêlo babélico conjunto de maquinismo, fios e principalmente os aparelhos luminosos lançados sôbre mim que me davam a impressão do sol de estio ao meio-dia. E décors, mobiliário, algum dêste de real valor intrínseco, mil apetrechos enfim dissimulados naquêles barracões simples, modestos, feios, mas cujo destino os eleva em aprêço, no conceito de quantos se deleitam com as produções artísticas, que de lá saem.

Eram 11 horas quando me deram o O. K. do meu primeiro trabalho. A' meia-noite cheguei a casa impressionada com tudo que vira.

O ambiente parecia-me simpático, a mim, que ao receber a ideia de entrar para o cinema, me preocupava especialmente o modo como adaptar-me, sem consequências a um meio que a minha imaginação via contrário com os meus princípios de educação.

Pois foi o que encontrei mais fácil. Conservo ainda a mesma impressão da primeira vez que ali entrei, além de, o que é digno de nota, ter encontrado no pessoal da casa bons amigos.

Com o decorrer do tempo verifiquei que do contrário do que consta, o cinema a par de muita alegria e bôa camaradagem, é um lugar de muito trabalho do qual aliás não sente o pêso, quem se aplica com amôr.

Depois notei poder-se viver ali como se quere, sem que o cuidado pela impecabilidade da nossa conduta constitua entraves para vencer.

Julgo conveniente fazer esta menção para aquêles que, e sobretudo aquêles que ponham diques nos seus sonhos artísticos, receando des-harmonia entre a forma de realizar êsses sonhos e a sua maneira de pensar sôbre esta particularidade.

As dificuldades são outras e estas são de tal modo vultuosas, que muito forte e paciente precisa de sêr todo aquêlo que deseja triunfar. Não sirva isto para desanimar ninguém. Muito pelo contrário. Como pessoa avisada vale por duas, quem para cá vier prevenido, mais probabilidades terá de vencer. Mesmo há a considerar que no estúdio, como lugar de trabalho, vive se com a alegria que êle dá:

Eu por mim considero-me satisfeita...

...Cessou de ouvir-se a voz que me encan-

mã que se chama Blossom. Nós somos, mesmo, três irmãs...

Mas quanto a Blossom, ela não se parece nada comigo. Ela é loira e eu tenho os cabelos quási russos («red-dish gold»). Ela tem covinhas e eu não tenho. Ela dança e não canta. E eu canto...

Esse livro tornou-se-me odioso. E foi seguido de inúmeros recortes de jornais vindos da Europa. As invenções, as suposições, as versões, as mais diversas amontoaram-se e eu compreendi então a envergadura tomada pelo «negocio».

Então decidi efectuar a minha primeira viagem a França... *Vim para reduzir a nada com a minha presença todas as calúnias ás quais o meu nome estava injustamente ligado.*

Atribuir a mim ou aos meus «menagers» a origem dum escândalo imaginario é ridículo! A publicação dêsse escândalo põe em perigo a minha carreira artistica e, como lhe disse, os produtores americanos afastam sem piedade qualquer artista cujo nome, tendo figurado em qualquer escândalo, podesse causar prejuizo ao bom renome do écran.

Fazer crêr que morri e que é uma outra que aparece nos filmes, é uma especie de morte para mim...

Esperei que os meus contratos me permitissem partir e vim. E eis-me viva e desejosa por pôr termo aos rumores que me causam dano. O interêsse material? Ofereciam-me 10.000 dollars por semana para aparecer no Roxy de Nova York. Preferi vir a França onde tenho a pagar do meu ordenado 40% de impostos.

Alem disso, ha muitos anos que eu alimentava o sonho de vêr Paris. E isso não lhe parece natural? *It seemed as a chance to ball ahont six birds with one stone (1)*.

Assim falou Jeanette Mac Donald...

(1) Era uma ocasião de «matar dois coelhos duma cajada».

tára que me tinha tornado mudo durante o tempo em que trinára. Confesso que se mais tempo a entrevista durára mais tempo a escutaria num mundo de irreabilidade.

E' que há em Minita Brandão, um tam extraordinário poder de fascinação que o tempo é quimêra e o ouvi-la leva-nos a um mundo de sonho, que não existe e é fictício...

Minita Brandão, cabêlos negros de revoltosa, vulto grácil, que o écran representa, que a nossa memória fixou e donde não mais se apagará...

(S)

FOTOGRAFIA GUEDES A MAIS PREMIADA
A MAIS PREFERIDA

Distinguida pela superioridade dos seus trabalhos

AGUIA D'OURO

Na proxima semana
será exibido o
interessantissimo fono-
filme falado e
cantada em português

A MINHA NOITE DE NUPCIAS

realizado nos studios
de Joinville sob a habil
dircção de E. W. Emo
com os consagrados
artistas: Beatriz Costa,
Estevam Amarante,
Alberto Reis e Leopoldo
Froes nos principais
papeis.

PARAMOUNT



apresenta durante a
proxima semana no

Aguia d'Ouro

o surpreendente vaudeville
falado e cantado em
português

— A —

MINHA NOITE DE NUPCIAS

Realizado por E. W. Emo

e interpretado por

Beatriz Costa, Maria Emilia

Rodrigues, Amelia Pereira,

Maria Sampaio, Alberto

Reis, Estevam Amarante

e Leopoldo Froes.